

A QUARTA ONDA DO FEMINISMO NA LITERATURA NORTE-AMERICANA

Priscilla Pellegrino de Oliveira

Doutoranda em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ)

pris_ufjf@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo destaca a formação da quarta onda do movimento feminista, a partir de uma nomenclatura histórica tradicional do feminismo, que conta com primeira, segunda e terceira ondas. A nova onda, presente majoritariamente no ambiente digital, consensualmente designada com surgimento entre 2011 e 2013 por várias autoras, reivindica tanto questões surgidas na terceira onda como questões do momento histórico em que vivemos. Nesse contexto, surge a literatura feminista da quarta onda, com escritoras engajadas em movimentos online em forma de blogs e páginas destinadas ao feminismo. O relato pessoal em forma de texto é a nova tendência da produção literária dentro do feminismo contemporâneo. Assim, a escritora norte-americana Jessica Valenti vem escrevendo para diversos sites e através de livros impressos sobre os assuntos que dizem respeito à vida da mulher contemporânea, levando em consideração assuntos como aborto, assédio, abusos sexuais e violência física e psicológica.

Palavras-chave: feminismo; quarta onda; Jessica Valenti; literatura norte-americana.

ABSTRACT

This article highlights the formation of the fourth wave within the feminist movement, based on a traditional historical nomenclature of feminism, which has first, second and third waves. The new wave, present mainly in the digital environment, consensually designated between 2011 and 2013 by several authors, claims questions raised in the third wave as well as in the historical moment in which we live. In this context, feminist literature of the fourth wave appears, with writers engaged in online movements in the form of blogs and pages aimed at feminism. The personal report in text form is the new tendency of literary production within contemporary feminism. Thus, the American writer Jessica Valenti has been writing for several websites and through printed books on subjects that concern the life of contemporary women, taking into consideration issues such as abortion, harassment, sexual abuse and physical and psychological violence.

Keywords: feminism; fourth wave; Jessica Valenti; American literature.

Introdução

O feminismo contemporâneo, fruto da terceira onda do movimento a partir das décadas de 1980 e 1990, abraça problemáticas que vão além da subjetividade da mulher e suas preocupações, discutindo tópicos como identificação de gênero, transexualidade, classes sociais, etnias, cultura, raça, doença e violência.

Levando em consideração a história do movimento feminista a partir de manifestações pelo sufrágio e pela igualdade de direitos trabalhistas perante a lei, a partir do século XIX, podemos perceber na literatura de autoras de ficção e não-ficção a preocupação com as questões femininas no decorrer do tempo.

De acordo com Marlene LeGates (2001), a chamada “questão da mulher” foi um questionamento sobre o fato de que homens sempre estiveram associados à esfera pública, enquanto que as mulheres se mantinham atreladas à esfera doméstica, diferença supostamente dada pela natureza, de acordo com o discurso patriarcal. O sistema patriarcal é entendido como a base de toda a opressão feminina em todas as culturas e por todas as correntes do movimento, pois os estudos histórico, filosófico, político e artístico sempre foram dominados pelo discurso masculino. Historicamente, uma forte característica da civilização ocidental, pelo menos até o Iluminismo, era o de explicar o papel da mulher na sociedade em nome da natureza e de Deus, impedindo o desenvolvimento do feminismo e do pensamento feminista.

O que convencionalmente chamamos de feminismo é uma visão coletiva de mudança política, um corpo de conhecimento, que busca explicar causas e soluções de opressão contra a mulher. E como observa Jacilene Maria Silva (2019), o termo “onda”

simplesmente se refere ao momento histórico em que houve uma efervescência acen- tuada de determinadas reivindicações por parte das mulheres, que debatiam situações que as incomodavam e agiam para que ocorressem mudanças na sociedade, travando uma luta contra o *status quo*. Cada onda tem suas demandas e seus ideais, baseados nas gerações de mulheres de cada momento específico, marcados por diferentes gera- ções políticas. Aliás, antes do século XIX não se pode falar em movimento feminista, pois o que ocorriam eram casos isolados de mulheres esclarecidas que buscavam al- gum forma de libertação feminina, porém, sem organização em grupos ou associa- ções.

O feminismo incorpora muitas teorias em forma de comprometimento político e ético visando a valorização da mulher na sociedade. Há várias abordagens teóricas dentro do feminismo como movimento e pensamento político, surgidas principalmen- te a partir da segunda onda, tais como: liberal, socialista, negro, chicano, lésbico, radi- cal, existencialista e cultural. Estudar o feminismo sob o ponto de vista literário na atu- alidade é lidar com as discussões relativas a diferenças e semelhanças entre as mulhe- res, além de todas as possíveis situações de opressão que experienciam no campo da ficção e das produções textuais não ficcionais, tais como ensaios, memórias e autobio- grafias. A seguir, falaremos sobre o surgimento do que está sendo chamado de quarta onda do feminismo, em termos políticos e literários.

1. Um novo conceito: a quarta onda

Ao estudarmos a história do movimento feminista, costumamos definir suas gerações históricas em termos de *ondas*, ou movimentos político-sociais que marcaram uma época dentro da chamada questão da mulher. A primeira onda é considerada como o momento histórico em que as mulheres lutaram pelo sufrágio e por direitos trabalhistas, entre a segunda metade do século XIX e início do século XX. Na segunda onda, a luta foi por direitos em diversas outras áreas, mas principalmente o direito sobre o próprio corpo, especialmente na esfera sexual e reprodutiva, desde o fim da década de 1960 ao início da década de 1980. A terceira onda começa aproximadamente em 1990 com uma amplitude de reivindicações até então deixadas de lado, incluindo o feminismo negro, o de terceiro mundo e o interseccional, que diz respeito às diversas camadas de opressão que se sobrepõem ao atingirem as mulheres, definindo diversos graus de subjugação, como por exemplo, classe social, raça, etnia, nacionalidade e orientação sexual. Daí a importância dos estudos feministas nas últimas décadas, pois, como observa a teórica Vera Queiroz: “coube à crítica feminista trazer a questão do gênero à cena do debate desconstrutivista com força de permanência, de modo a redimensionar os enfoques sobre a categoria fundadora na filosofia humanista ocidental relativa ao estatuto do sujeito e da subjetividade” (QUEIROZ, 1997, p. 104). Segundo a autora Elaine Showalter, foi a partir daí que as escritoras alcançaram uma escrita “livre”, podendo falar do assunto que lhes convém, porém sem deixar de lado reflexões críticas e sem estabelecimento de argumentos rígidos (SHOWALTER, 2009, p. 2).

No início do século XXI, com a popularização da *internet* e o surgimento das redes sociais e *blogs*, discussões e textos acerca de temas como assédio sexual e estupro

passaram a ser divulgados de forma mais abrangente e rápida. Ameaças de estupro, piadas misóginas e abusos se tornaram visualmente explícitos, assim como a revolta contra esse tipo de atitude “normalizada” em nossa sociedade e aceita ou entendida como meras “cantadas”. Outro assunto que entra no debate feminista com mais afinco é o combate à culpabilização da vítima em casos de assédio e estupro, devido a seu comportamento e vestimentas.

Assim, feministas mais jovens advogam o advento de uma quarta onda do feminismo a partir de 2012, aproximadamente, por conta de denúncias contra abusos sexuais e violência contra a mulher no ambiente digital e o grande número de seguidoras e militantes nesse espaço. A autora Rory Dicker diz não declarar o fim da terceira nem a existência de uma quarta onda, embora reconheça que as mulheres possam se engajar em movimentos feministas através das redes sociais (DICKER, 2016, p. 141).

Como conta a autora Kira Cochrane, a escritora americana Kate Harding criou um *Tumblr* chamado *Don't get Raped*, onde discute a ideia absurda de que quem tem que evitar o estupro é a mulher e não os criminosos que perpetuam sua prática e nem sempre são punidos. Ela passou a incluir *links* de relatos de estupro e a titulá-los com situações a serem “evitadas”, como: “Não vá à faculdade. Não vá ao aeroporto. Não esteja dentro ou nos arredores de sua própria casa. Não caminhe em plena luz do dia. Não tenha um vizinho entediado e viciado em pornografia pesada”¹ (COCHRANE, 2013²).

Além disso, parte do problema é atribuído ao fato de que casos de estupro não são sempre relatados para a polícia ou não chegam a conhecimento familiar ou públi-

co, isso porque a vítima, além de ser desacreditada, é também considerada culpada pelo crime. O simples medo do estupro limita a liberdade da mulher.

Ainda segundo Cochrane, em 14 de fevereiro de 2013, demonstrações em mais de 200 países, chamadas de *One Billion Rising*, as quais foram motivadas por estatísticas da ONU, demonstram que 1 em cada 3 mulheres foram ou serão espancadas ou estupradas durante sua vida, representando um bilhão de mulheres em todo o mundo. A idealizadora das demonstrações afirma que vivemos uma pandemia de estupros, a qual não é tribal ou regional ou religiosa de grupos minoritários. É resultado do patriarcado e é mundial.

Em Manchester, na Inglaterra, quando ainda era uma adolescente de 16 anos, a estudante Jinan Younis, ao passar por situações infelizmente comuns pelas ruas das cidades, tais como ser perseguida por um homem à noite e ser alvo de abuso verbal por homens em um carro que passava por ela em Cambridge, resolveu formar um grupo feminista na escola (2011) para debater e tentar combater situações relacionadas a abusos físicos, verbais e emocionais sofridos por mulheres. Elas discutiam questões como relacionamentos abusivos, pressões sexuais, preocupações com o corpo e distúrbios alimentares. Foi rechaçada *online* e, a partir de 2013, começou a fazer campanhas em várias outras escolas na Inglaterra. Ainda em escolas inglesas, Yas Necati iniciou o *Campaign4Consent* como projeto de educação sexual nas escolas. Baseada em sua própria experiência de vida, ao ter sido estuprada aos 12 anos de idade, ela explica como se sentiu: “realmente acabou com minha autoconfiança. Acho importante educar as futuras gerações sobre isso, principalmente com a explosão da pornografia na *internet*, que é tão entusiasta em relação ao estupro” (COCHRANE, 2013). Ela chama a

atenção ainda para o fato de que o acesso à pornografia é facilitado e ocorre de maneira precoce nas escolas pelo uso do *smartphone* ao alcance da mão 24 horas por dia no dia-a-dia de crianças e adolescentes, que passam a ter uma visão distorcida da relação sexual.

Esses e outros tantos casos que vieram a público em vários países do mundo em torno dos anos 2011 a 2013 fizeram com que surgisse uma nova movimentação feminista mundial com novas formações de grupos e associações, protestos, paralizações e, principalmente, manifestos *online*. As mulheres estavam abrindo os olhos para questões de misoginia e sexismo em suas formas mais explícitas e começando a combatê-los de forma também radical.

A fundadora do *Everyday Sexism Project*, a inglesa Laura Bates, em conjunto com as ativistas norte-americanas Soraya Chemaly e Jaclyn Friedman, começaram a fazer campanhas contra páginas e grupos de conteúdo misógino no *Facebook*, o qual obteve sucesso entre as seguidoras e suporte através de *tweets*. Essa e outras campanhas na internet estão capacitando pessoas a agirem sobre essas questões instantaneamente com novos grupos sendo criados praticamente diariamente. São grupos, páginas, *blogs* e perfis criados especificamente para relatar, expor e denunciar casos de violência doméstica, banalização do estupro, imagem da mulher na mídia e no *showbusiness*, tais como o grupo *Go Feminist!* Outro grupo famoso por protestos em *topless* é o ucraniano *Femen*, que confronta políticos e religiosos com o intuito de combater o que interpretam como os três pilares do patriarcado: a indústria do sexo, a religião e as ditaduras.

Segundo Cochrane (2013), as grandes perguntas sobre a quarta onda são: Por que ela está aumentando? E Como ela vai mudar o mundo? Será que as três ondas anteriores davam conta de todas as condições culturais? O fato é que a chamada quarta onda pode se aplicar mundialmente por seu apelo no ambiente digital e por contar com denúncias e relatos pessoais vindos de praticamente todos e países e diferentes contextos sociais e culturais. O anonimato propiciado pela *internet* também encoraja mulheres a contarem suas histórias sem precisarem expor suas identidades, facilitando o compartilhamento de histórias nunca reveladas. O imediatismo do ambiente virtual fornece o compartilhamento de experiências negativas, assim como a divulgação de novas legislações e recursos de apoio e ajuda a mulheres em diversas situações de opressão, tanto cisgêneros quanto transgêneros. Há também um aumento de divulgação de ataques verbais de ódio contra mulheres e pessoas transexuais ou transgêneros, assim como a divulgação de vídeos e fotografias íntimas de garotas e mulheres, sem sua permissão, com o intuito de constranger e chantagear a vítima.

Por outro lado, a circulação de ideias feministas foi facilitada. Se antes do advento da *internet* era difícil o acesso à escrita e à teoria feminista, hoje o *boom* dos *blogs*, *websites*, grupos e vozes nas redes sociais mudou a antiga realidade, tirando as questões feministas da margem ou da academia e trazendo-as para as discussões culturais principais.

Mesmo após o surgimento das terceira e quarta ondas, ainda se revela essencial o entendimento de que o que enfrentamos não é um problema individual, mas coletivo apesar das diferenças e diversidades, e de que estruturas de poder devem ser combatidas politicamente.

Há vários exemplos de *websites* que se tornaram referências em assuntos feministas que contam com um número expressivo de seguidores (as) / leitores (as) e de compartilhamentos e participações. Um deles é o britânico *The F Word*. No Brasil, podemos citar o *Quebrando o Tabu*, o *Não me Kahlo* e o *Todas Fridas*. Na França, a feminista Caroline de Haas, que trabalhava como conselheira feminista para o governo francês, formou o grupo *Osez le Féminisme*, em 2009, que hoje conta com uma página homônima, e acredita que a mudança política só é possível de acontecer com o poder da massa, por isso deve haver organização para que as mulheres sejam ouvidas. Nos Estados Unidos, podemos citar o *blog Feministing.com*, iniciado em 2004 pela escritora Jessica Valenti (hoje escrito por outras colunistas).

Em entrevista ao New York Times, Valenti diz acreditar que a quarta onda é, na verdade, formada por várias ondas e movimentos, mas o que conecta as ativistas é a organização *online*. Isso é o que diferencia a terceira da quarta onda: a voz das mulheres é potencializada pelas possibilidades tecnológicas, não somente a *internet*, mas a facilidade de produção, reprodução e divulgação de vídeos e fotografias que comprovam abusos.

A questão da interseccionalidade continua uma das pautas principais na quarta onda, levando em conta como as múltiplas opressões interagem explicitando quem somos devido a raça, gênero, etnia, sexualidade, localização geográfica, habilidades, religião, cor e classe. A diferença é que a quarta onda se mostra mais prática do que acadêmica se comparada às ondas anteriores. Segundo Cochrane (2013), “Muitas daquelas que se auto intitulam feministas interseccionais falam sobre testar seus privilégios – reconhecer onde elas se situam nas estruturas sociais de poder e garantir que

advogam e dão espaço àquelas que se encontram marginalizadas”. Mesmo assim, continua existindo falta de representatividade de alguns grupos de mulheres e/ou sua estereotipização na grande mídia, tais como a erotização de mulheres negras em clipes de música de *rappers* norte-americanos, alvo inclusive de uma campanha titulada *Rewind & Reframe*.

O grande objetivo da interseccionalidade é reconhecer que nenhuma mulher vive a mesma vida que a outra, sem contar as diferenças entre nações, grupos e culturas diferentes. Porém, com a facilidade do compartilhamento *online*, pode-se encontrar algo no feminismo que represente diferentes grupos de interesses onde as mulheres podem se incluir com mais abrangência. Em muitos países, mulheres e homens são considerados iguais perante a lei, mas na realidade isso não se aplica, haja vista o comportamento e as atitudes machistas que se perpetuam em nossa sociedade, desde uma representação erotizada do corpo feminino em uma página de revista até o número absurdo de estupros e feminicídios que ocorrem todos os dias em países como o Brasil, por exemplo.

Um acontecimento em relação ao julgamento feito contra as mulheres no Canadá, em 2011, por um policial, deu início a um movimento chamado de *SlutWalk*. O oficial afirmou, ao falar sobre segurança, na Universidade de York, que as mulheres deveriam deixar de se vestir como vadias para evitar ataques sexuais, o que gerou um protesto em Toronto. A partir de então, o movimento se internacionalizou visando protestar contra a crença de que a vítima de um estupro é a culpada pelo ato por conta da maneira como se veste. Uma de suas fundadoras, Heather Jarvis, relata que houve apenas seis semanas entre a ideia e os protestos em si, com a criação de uma pági-

na no *Facebook*, uma conta no *Twitter* e um site no *WordPress* com o intuito de compartilhar informações. Rapidamente, receberam mensagens de mulheres de vários países relatando a mesma questão, iniciando assim um movimento, sobre o qual Jarvis afirma: “A manifestação ainda estava para acontecer, e já estava se tornando um movimento, um sinal do quão rápido uma mensagem forte pode viralizar” (COCHRANE, 2013).

Com essa efervescência do interesse no feminismo, renovada a partir de 2012, associada ao uso intensificado das plataformas de redes sociais, pode-se dizer que estamos vivendo uma quarta onda. O avanço das tecnologias de comunicação e informação estão sendo usadas para contestar a misoginia, o machismo, a LGBTfobia, a violência e crimes contra a mulher. Ao se apropriarem do ambiente virtual, as manifestações feministas atingem um número expressivo de pessoas globalmente, especialmente grupos mais jovens e de culturas periféricas.

Outro aspecto do feminismo contemporâneo é o questionamento da imagem da mulher nos meios de comunicação, levando sua representação a uma uniformização e excessiva preocupação com a forma física. A quarta onda também reivindica a liberdade de escolha de cada mulher e o respeito às diversidades, procurando combater a cultura do estupro, a gordofobia, as representações machistas na publicidade, o abuso e a violência contra as mulheres nos diversos ambientes em que ela circula.

Outra pauta do feminismo contemporâneo é o direito ao aborto, em uma discussão que passa pelos campos público – na forma da lei – e privado – a escolha individual. Segundo a pesquisadora Flávia Biroli:

O aborto ganha destaque na agenda feminista (...) no âmbito da defesa da liberdade sexual. O acesso à informação e recursos permitiram que as mulheres escolham se e quando serão mães é, por essa ótica, como na dos direitos reprodutivos, fundamental para uma maior igualdade com os homens (BIROLI, 2014, p. 124).

Essa causa, discutida desde a segunda onda, é trazida para a quarta onda, assim como novos elementos são incorporados, tais como a causa de transexuais e transgêneros.

Autoras expressivas do feminismo contemporâneo incluem Rebeca Solnit, responsável por definir os conceitos de *mansplaining* e *maninterrupting*; e Roxane Gay, autora do livro de ensaios *Bad Feminist* (2014) (*Má Feminista*), em que diz acreditar em um feminismo plural, uma ideia bem atual e abrangente: “Não precisamos todos crer no mesmo tipo de feminismo. O feminismo pode ser plural desde que respeite os diferentes feminismos que carregamos dentro de nós, desde que nos importemos em tentar minimizar as fraturas entre nós”³ (GAY, 2014⁴). Outra escritora importante dentro da quarta onda do movimento feminista, cujo livro de memórias apresentaremos a seguir, é a norte-americana Jessica Valenti, por seus relatos pessoais e ativismo *online*.

2. *Objeto Sexual*, de Jessica Valenti: um livro de memórias

Sex Object: a memoir (2016) (*Objeto Sexual*), da escritora norte-americana Jessica Valenti, é um livro de memórias focado em sua trajetória como mulher e feminista, no qual relata como o assédio sexual é considerado normal pela sociedade em que vivemos. Com notas narrativas autobiográficas, a autora relata acontecimentos que a

marcaram da adolescência aos dias de hoje, revelando como sua autoimagem sexual e psicológica foi afetada na construção de sua identidade em consequência desses acontecimentos.

Assim, a autora narra episódios relacionados a assédios, abusos e humilhações praticados contra ela por homens que fizeram parte de sua vida ou por anônimos nas ruas das cidades onde viveu – Nova Iorque e seus arredores. Passando pelo histórico familiar, ela relata como sua avó e sua mãe passaram por situações parecidas de abuso e opressão, demonstrando que a visão da mulher enquanto objeto é um *continuum* que ultrapassa gerações.

Nas passagens em que relata sua infância e adolescência, Valenti mostra como sofreu assédios (e como foi constrangida diversas vezes) em ambientes públicos, tais como metrô e ruas da cidade, como quando um homem ejaculou em sua calça jeans sem que ela percebesse. Ela ainda era uma adolescente indo para a escola de metrô quando, na volta para casa, ao sair do transporte e chegar à rua, conta que: “Quando comecei a colocar a mão no meu bolso de trás, senti algo úmido: Eu tinha vindo todo o caminho de volta sem perceber que um homem, cujo rosto eu nunca veria, tinha gozado em mim” (VALENTI, 2016, p. 56)⁵.

Conforme vai se descobrindo mulher e aceitando seu corpo, após iniciar sua vida sexual no início da adolescência, descreve uma sucessão de relacionamentos inicialmente felizes até se tornarem tóxicos ou até mesmo abusivos. Um desses relacionamentos, na época da faculdade, foi com um rapaz popular de uma fraternidade. Frequentavam festas e bebiam muito até que, ao fim do semestre letivo, ele termina o relacionamento e passa

a se relacionar com outra garota. Quando ela passa a noite com um dos amigos dele, ele a procura no dormitório e a agride verbalmente no corredor, à noite, gritando com ela:

Você é uma merda, um lixo de puta, você entende? (...) Eu nem consigo olhar para você porque você é uma imunda. Você é um lixo de pessoa, você fede, você sabia? Você é uma droga de um lixo e eu nunca mais quero ver você porque eu não me associo a putas (VALENTI, 2016, p. 103).

Ela se lembra que ninguém no alojamento fez nada ou sequer procurou ajuda-la. A partir desse dia, camisinhas apareciam penduradas em sua porta com um bilhete escrito “puta”.

O livro é dividido em tópicos nos quais a autora relata tanto acontecimentos passados distantes como mais próximos, de uma maneira não exatamente linear. Porém, de modo geral, o livro é uma narrativa em ordem cronológica. Assim, ela descreve dois episódios de aborto em momentos diferentes de sua vida, feitos em clínicas pagas, e uma gravidez complicada entre esses episódios. Ela faz uma autocrítica sobre o seu segundo aborto, visto que sofreu muito no primeiro e que já era casada e mãe quando optou pelo segundo: “Uma feminista fazer um aborto é compreensível, até mesmo esperado. A mulher – a mãe – que faz dois, no entanto, deve estar fazendo algo de errado em sua vida” (VALENTI, 2016, p. 178).

Relata, também, as várias vezes em que foi julgada por suas decisões e escolhas, assim como em uma passagem em que descreve uma de suas primeiras experiências com escrita criativa na escola. No texto, ela falava sobre família, namoro, garotos, festas e sobre uma briga que teve com o pai, e o que o professor escreveu na margem do texto foi: “Ele ficou nervoso com sua promiscuidade?” (VALENTI, 2016, p. 144).

Em 2004, aos 25 anos, inaugura o *blog Feministing.com*, vencedor de prêmios como o “Hillman Prize For Blog Journalism”, no qual escreveu até 2011. O site ainda está ativo e hoje conta com contribuições de mais de 12 colunistas sobre tópicos atuais no que diz respeito ao universo da mulher na política e na esfera privada.

A autora conta um episódio que a tornou famosa no ambiente digital, não por seu talento como escritora ou sua militância, mas por uma foto. Após a publicação de seu primeiro livro, *Full Frontal Feminism: A Young Woman's Guide to Why Feminism Matters*, sem tradução para o português, aos 27 anos de idade, foi convidada a um encontro de *blogueiros*, em 2006, com o então presidente Bill Clinton, onde era a mais jovem ali presente. A publicação da foto do encontro gerou comentários maliciosos (e de ódio) em outros *blogs* e *sites* julgando sua postura e vestimenta como se buscasse uma autopromoção ou até mesmo um caso amoroso com o presidente, rendendo inclusive comentários comparativos entre ela e Monica Lewinski. Durante algum tempo, a busca pelo nome Jessica Valenti no *Google* retornava uma resposta associada a seus seios.

Após o nascimento de sua filha, a escritora narra como sobreviveu a uma depressão pós-parto. O bebê nascera pré-maturo devido a uma pré-eclâmpsia e a autora passou a não comer e ter comportamentos obsessivos, tais como comer gelo o dia todo. Relata também como ela e o marido se distanciaram e precisaram fazer terapia de casal. Em uma sessão, a terapeuta pede que ela escolha uma frase negativa de várias que ela a apresenta e ela relata a experiência:

Quando ela me entrega uma lista laminada de “conotações negativas” e me pede para escolher aquela com a qual eu mais me identificava, fico surpresa quando começo a chorar pois a que eu escolho é *Eu mereço morrer*. Não, não surpresa. Envergonhada, talvez. Parece muito perfor-

mático, essa frase em uma lista de frases, e mesmo assim eu a escolho (VALENTI, 2016, p. 177).

Na última sessão do livro, intitulado *Notas Finais (2008-2015)*, a autora transcreve mensagens de ódio postadas em sua página no *Facebook* ou recebidas por e-mail ou em discussões em *blogs* durante esse período de tempo. As frases a seguir são apenas alguns exemplos do ódio a escritoras feministas em um espaço de anonimato como a *internet*:

Você e seu culto são a maior parte da razão pela qual as mulheres são odiadas. (...) Email, Maio 31, 2008
VOLTE PARA A COZINHA E PREPARE O JANTAR, VADIA. (...) Email, Junho 9, 2008
(...) Espero que você morra em uma explosão de gasolina após um acidente de carro. Email, Abril 11, 2012
Se você queria ser importante, você deveria ter nascido com um pênis. Email, Agosto 8, 2012
Vá se foder, sua maldita vadia!!! Mensagem no *Facebook*. Junho 30, 2014 (VALENTI, 2016, p. 192).

Hoje a autora escreve artigos de opinião e livros sobre feminismo, além de ministrar palestras em escolas e faculdades. Assim, além de publicar textos impressos em livros de ensaios e memórias, a autora também escreve como colunista para a revista *Medium.com* e tem artigos publicados no *Washinton Post*, *The New York Times* e *The Guardian*, lançando conteúdo na *internet* acerca de gênero e política. Em *Objeto Sexual*, relata ainda o grande número de *haters* que a seguem nas redes sociais, deixando mensagens de ódio e xingamentos voltados a ela e às feministas em geral.

Considerações finais

Em um artigo de opinião publicado no *The Guardian*, Jessica Valenti discute o que realmente significa ser feminista atualmente, abordando o fato de se as pessoas sabem o que o termo significa, em vez de se reproduzirem falas ou ideias de terceiros. Ela expressa a opinião de que ser feminista é, além de carregar um rótulo, uma prática e uma lente pela qual se enxerga o mundo. E conclui ao afirmar que “[...] o feminismo é um movimento pela justiça de gênero – pela igualdade social, econômica e política de todas as mulheres – e algo que reconhece a complexidade das identidades das mulheres e a interseção de opressões. Não pode ser negociado de outra forma” (VALENTI, 2014).

Desse modo, a escritora se expressa de uma maneira popular e que atinge a geração mais jovem, já engajada no mundo digital e em assuntos políticos que acontecem nesse meio. No entanto, não deixa de publicar livros impressos, pois o mercado editorial também (ou ainda) é um aliado na divulgação de estudos nas mais diversas áreas. Como Heloísa Buarque de Hollanda (2014, p. 222) afirma: “A *internet* vem se mostrando um caminho amigável para a difusão da produção de conhecimento das mulheres, ainda que o método do livro e do artigo impresso não tenha sido superado”.

E é assim que as feministas e escritoras da nova geração têm se expressado, mostrando uma preferência pelo ambiente cibernético pela rapidez com que o fluxo de informação se propaga e pelo grande público que atinge.

Referências

COCHRANE, Kira. *All the rebel women: the rise of the fourth wave of feminism*. Guardian Books, 2013.

DICKER, Rory. *A History of U.S. Feminisms*. Seal Press: Berkeley, 2016.

GAY, Roxane. *Bad feminist*. Consair: New York, 2014 (Kindle e-book).

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. Companhia das Letras: São Paulo, 2018.

LEGATES, Marlene. *In their time: a history of feminism in western society*. Routledge: New York, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe & BIROLI, Flávia. *Feminismo e Política: uma introdução*. Boitempo: São Paulo, 2014.

QUEIROZ, Vera. *Crítica Literária e Estratégias de Gênero*. EDUFF: Niterói, 1997.

SHOWLATER, Elaine. *A jury of her peers: American women writers*. Hachette Digital: London, 2009.

SILVA, Jacilene Maria. *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda*. Recife, 2019.

SOLOMON, Deborah. *Fourth-wave feminism*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2009/11/15/magazine/15fob-q4-t.html>>. Acesso em: 30 abr. 2019 (2009).

VALENTI, Jessica. *When everyone is a feminist, is anyone?* Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2014/nov/24/when-everyone-is-a-feminist>>. Acesso em: 30 abr. 2019 (2014).

_____. *Sex object: a memoir*. HarperCollins: New York, 2016.

Recebido em 26 de maio de 2019.

Aceite em 01 de novembro de 2019.

¹ Tradução livre de citações de COCHRANE (2013).

² Paginação irregular de COCHRANE (2013) – Kindle e-book.

³ Tradução livre de citação de GAY (2014).

⁴ Paginação irregular de GAY (2014) – Kindle e-book.

⁶ Tradução livre de citações de VALENTI (2016).